

MEUS ENCONTROS COM WERNECK VIANNA

Luiz Eduardo Motta

Doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj). Professor associado do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

RESUMO

Depoimento de Luiz Eduardo Motta a respeito de Werneck Vianna, com passagens marcantes da relação entre ambos, destacando aspectos da pessoa e do grande intelectual e sociólogo Werneck Vianna.

Palavras-chave: Luiz Eduardo Motta; Werneck Vianna; depoimentos pessoais.

ABSTRACT

Luiz Eduardo Motta's tribute to Werneck Vianna, with unforgettable moments of the relationship between them, highlighting aspects of the personality and the great expert/sociologist that Werneck Vianna was.

Keywords: Luiz Eduardo Motta; Werneck Vianna; tributes.

No dia 24 de fevereiro de 2024, Werneck Vianna nos deixou. Perdemos não somente um grande professor/orientador, mas também um intelectual que marcou o cenário político e acadêmico pelas suas intervenções polêmicas recheadas de qualidade e pelas suas observações argutas diante da cena política constituída no período da transição democrática e das conjunturas que se seguiram.

Werneck Vianna era uma das expressões intelectuais da geração dos anos 1930 do século passado – possivelmente a última grande geração intelectual que contribuiu para pensar um Brasil democrático – e de seus novos sujeitos políticos que vieram a se constituir durante o período da ditadura militar e no contexto da democratização, criando um novo olhar para as questões políticas e sociais, e também teóricas/filosóficas, que já vinham sendo debatidas e analisadas por gerações anteriores, em destaque aos intelectuais isebianos que antecederam a essa geração de 1930. Dessa geração que está nos deixando, temos os nomes de Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Giannotti, Wanderley Guilherme dos Santos, Lélia Gonzalez, Francisco Weffort, Carlos Henrique Escobar, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos, Marly Vianna, Ruth Cardoso, Miriam Limoeiro Cardoso, Eunice Durham, Roberto DaMatta, Madel Therezinha Luz, Maria Conceição Tavares, Leandro Konder, Oliveiros da Silva Ferreira, entre outros.

Certamente, essa geração dos anos 1930 não se limita aos nascidos nessa década, já que interessa aqui afirmar que a geração intelectual que sucedeu os isebianos e Florestan Fernandes teve um papel significativo em sua intervenção intelectual e política no contexto da ditadura militar e da redemocratização. Assim, podemos incluir a presença daqueles que nasceram nos anos 1920, como Jacob Gorender, Emmanuel Carneiro Leão, Clóvis Moura, Milton Santos e Octavio Ianni, como também os que nasceram em meados dos anos 1940, a exemplo de Vânia Bambirra, Carlos Nelson Coutinho, José Guilherme Merquior, Marilena Chaui, Eginardo Pires, Décio Saes, Roberto Machado, Moacir Palmeira, Otávio Velho, Gilberto Velho, Luiz Antonio Machado da Silva.

Possivelmente, essa geração seja a última na qual os intelectuais acadêmicos eram vistos como “estrelas” devido a sua inserção na mídia escrita e televisiva, onde participavam ativamente em debates (e na maioria das vezes se confrontando) sobre a conjuntura política e das novas perspectivas teóricas vigentes naquele contexto, como o marxismo (em suas diversas vertentes), o liberalismo político e a pós-modernidade. E também podemos incluir nesse debate, que marcou essa época, o fato de se a revolução socialista se daria por meio de uma transição pacífica e democrática, ou por meio de uma ruptura política.

Werneck Vianna era uma dessas “estrelas”. Sua presença era constante no debate intelectual e político na virada dos anos 1970 para os 1980 nos espaços acadêmicos e midiáticos. Não me recordo quando ouvi falar dele pela primeira vez, mas certamente foi quando ingressei na graduação em Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade



Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ), em 1983, ainda que talvez tenha lido algo dele, ou sobre ele, na campanha política para o governo do estado do Rio de Janeiro, em 1982, quando Werneck Vianna era um dos “luas pretas” que assessoraram o então deputado federal Miro Teixeira. Naquele ano, Leonel Brizola, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), foi eleito governador, contra tudo e contra todos: contra a ditadura militar, contra o chaguismo, contra a Rede Globo, contra parte significativa da intelectualidade que aderiu ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), sem falar dos partidos e organizações comunistas, como o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). A exceção foi grupo prestista saído do PCB e que aderiu ao PDT.

Vi pessoalmente Werneck Vianna no IFCS durante a minha graduação. Era uma figura fácil de ser encontrada lá devido a sua participação em diversos debates. Um deles foi com Theotônio dos Santos, possivelmente em 1986. Outro foi durante a sua campanha para deputado federal para a Constituinte, no mesmo ano, numa mesa com outras candidaturas das quais me recordo a do Sergio Murillo, que era candidato pelo PT para a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). Além disso, estive presente com um grupo de amigos do IFCS na sede da revista *Presença*, no bairro do Catete, para assistirmos a uma palestra de Werneck Vianna em meio a sua candidatura para deputado.

Talvez a visão mais marcante de Werneck Vianna foi quando ele participou da banca de defesa de Leandro Konder, no doutorado em filosofia no IFCS em 1987, sob a orientação de Gerd Bornheim. Este último gentilmente me colocou, com o meu colega do IFCS, Marco Aurélio Santana, na frente da mesa onde foi defendida a tese de Konder (de quem ainda ganhei uma dedicatória em seu livro sobre Lukács, publicado pela L&PM). Eram outros tempos, quando uma defesa de doutorado ganhava destaque na imprensa (como aconteceu, em 1987, no “Caderno B” do *Jornal do Brasil*). E era uma banca de peso, pois além de Werneck Vianna também participaram Aquiles Côrtes Guimarães, Kátia Muricy e Ciro Flamarion Cardoso.

Durante a graduação, tive contato com o seu principal trabalho daquele contexto, a tese de doutorado *Liberalismo e sindicato no Brasil*, publicada posteriormente pela Paz & Terra, em 1987, na matéria eletiva ministrada pelo professor José Ricardo Ramalho. Essa era uma das raras cadeiras oferecidas no horário noturno, e eu era um dos poucos discentes que trabalhava naquele contexto, ainda que meu trabalho não estivesse relacionado com o mundo acadêmico (eu trabalhava na Companhia Municipal de Limpeza Urbana – Comlurb). Para além desse livro, eu comprava com certa frequência a revista *Presença*, que sempre contava com a publicação de artigos de sua autoria.

No início de 1988, num evento realizado no Estádio de Remo da Lagoa Rodrigo de Freitas pelo antigo PCB, junto com um amigo que militava no “partidão”, Ricardo “Meteoro” Vaz de Mello, encontramos o nosso querido colega Juliano Werneck Vianna ao lado de seu pai, sentados



numa mesa. Conversamos um bom tempo com eles, e ao tratar da introdução que ele escreveu para o livro de Luciano Gruppi, *O conceito de hegemonia em Gramsci*, publicado pela Graal em 1980, Werneck Vianna me perguntou se eu estava numa pós-graduação. Disse que sim, pois, na época, cursava o segundo semestre numa pós recém-construída de Ciência Política na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), da qual me afastei em 1989 por motivos pessoais, e fui fazer o mestrado no IFCS. Mas os nossos caminhos ainda iriam se cruzar uma década depois.

Antes disso, reencontramo-nos no Camarote da Brahma no Sambódromo, no Carnaval de 1992. Eu tinha recebido um convite pelos meus contatos do PDT, e vi Werneck Vianna na companhia da jornalista Belisa Ribeiro. Reapresentei-me a ele, destacando que eu era colega do seu filho Juliano. Lembro-me pouco da nossa conversa, pois estávamos movidos pelo uísque, mas me recordo de ele ter me apresentado a Belisa como sociólogo. A jornalista tinha uma boa memória para nomes, já que, na despedida, dirigiu-se a mim pelo meu nome. No mais, lembro-me apenas de que nossa conversa fora carregada de bom humor.

Cheguei a acompanhar suas intervenções na TV durante o plebiscito de 1993 sobre o parlamentarismo e presidencialismo. Recordo-me de Werneck Vianna citando Tocqueville durante a sua explanação, e isso chamou a atenção do meu pai, que disse: “caramba, esse cara é um gênio!”. Também assisti a uma palestra dele no Teatro Casa Grande, entre 1996 e 1997, possivelmente sobre a problemática da judicialização, que era um tema que iria marcar a sua trajetória intelectual.

Chegamos ao ano de 1999. Eu já estava afastado de uma pós-graduação desde 1994, e vinha trabalhando como um verdadeiro operário de ensino em universidades privadas que extraíam o máximo de lucro por meio da exploração de sua equipe de docentes. De boas lembranças, apenas a UFRJ, como professor substituto (a despeito do salário mingado) e as Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA), no bairro de Botafogo. Naquele ano, um amigo dos tempos de militância do PDT, Marco Aurélio Ruediger, me incentivou a fazer o doutorado no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj). Somando a ele, a minha ex-namorada Cláudia Torres Carvalho e minha amiga Andrea Brandão Puppín também faziam coro para o meu retorno ao topo acadêmico. Casualmente, numa tarde no Iuperj, talvez para encontrar Andrea ou minha amiga Inês Patrício, vi Werneck Vianna em sua sala. Como estava aberta, entrei sem pedir licença e me dirigi a ele. Identifiquei-me como colega do Juliano Werneck e ele abriu um sorriso. Contudo, de forma precipitada, contei-lhe do meu interesse em ser orientado por ele. Seu rosto mudou e ele me questionou o porquê de ele me orientar. Falei do meu interesse pelo tema da judicialização, pois vinha há anos trabalhando em faculdades de Direito, além da minha amizade de decênios com Mauricio Mota, que iniciava sua carreira como procurador do Estado e professor da faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e era com quem eu tinha mais interação nesse tema. Com um semblante sério, Werneck Vianna

me pediu para escrever algo referente à minha proposta de projeto. Saí com uma pulga atrás da orelha e pedi ao meu amigo dos tempos de graduação, João Roberto Lopes Pinto, que também era meu colega da Universidade Estácio de Sá (Unesa), em Niterói, que intermediasse por mim devido à boa relação que ele tinha com o mestre. Werneck Vianna acabou por aceitar ser meu orientador depois de um telefonema do João Roberto (testemunhei isso na Unesa). Obtive uma carta de apresentação do professor e amigo Marco Aurélio Nogueira, e fiz um projeto que inicialmente trataria da Defensoria Pública e da Procuradoria do Estado do Rio de Janeiro. Fui para a entrevista bastante nervoso, e me recordo bem da minha hesitação na resposta a uma pergunta feita pelo Carlos Hasenbalg. Resultado: não fui aprovado. Apesar do abalo de não ter passado para o doutorado, segui em frente. Semanas depois, fui ao Iuperj assistir à defesa de doutorado do meu ex-professor e amigo Michel Misse. Lá, reencontrei o professor César Guimarães (que fora da banca de seleção para o doutorado), e perguntei ironicamente se a minha hesitação tinha sido determinante para a reprovação. Ele riu e disse o que pesou mesmo foi a proposta do projeto. Perguntou se eu ainda teria interesse de participar na próxima seleção e confirmei que sim. Pediu-me para trazer de novo o projeto e, assim, refazer comigo. Um bocado de meses depois, compareci ao Iuperj para me reencontrar com César Guimarães. Ele olhou o projeto, pegou a caneta e fez vários cortes. Nascia, assim, o projeto sobre a Defensoria Pública do Rio de Janeiro no contexto da judicialização. Dessa vez, fui selecionado, e tendo Werneck Vianna como meu orientador. Finalmente, tinha ultrapassado o muro imaginário que me separava de uma pós-graduação.

Com a entrada, em 2001, no Iuperj, minha relação com Werneck Vianna foi se estreitando. Ele ofereceu uma disciplina juntamente com o meu ex-colega do IFCS, Marcelo Burgos, que tratava da questão da judicialização da política. Nessa cadeira, aproximei-me de novos colegas que se tornaram amigos, como Alexandre Veronese e Cássio Casagrande. Além dessa cadeira, Werneck Vianna coordenava outra matéria, Estudos Exemplares, na qual a cada quinze dias um membro do corpo docente do Iuperj apresentava um livro clássico, e muitas vezes já esquecido, para os estudantes da pós-graduação, os quais, por sua vez, deveriam apresentar um resumo crítico do livro apresentado. Dos diversos nomes que estiveram presentes, marcou-me o de Jessé Souza, César Guimarães, Wanderley Guilherme dos Santos, Adalberto Cardoso e Luiz Antonio Machado da Silva.

Como estava voltando de um hiato de seis anos de uma pós, sentia-me fora de forma em relação à grande quantidade de textos para serem lidos. É semelhante a um atleta que deixa de se exercitar de forma constante e retorna à atividade física. De início, houve um estranhamento. Contudo, no decorrer do tempo, fui me adequando ao ritmo de leitura (e devo destacar que ainda mantinha as aulas nas faculdades privadas e num curso *lato sensu* na Universidade Federal Fluminense – UFF, afinal tinha de pagar vários boletos ao longo do mês). Porém, o mais difícil foi convencer meu orientador de que a Defensoria Pública era um tema de relevância para a



problemática da judicialização, já que era sempre comparada em termos de peso político diante da magistratura e da Procuradoria da República. O projeto foi apresentado num curto espaço de tempo (um ano, aproximadamente) e ainda não tinha dados suficientes para justificar a importância dessa instituição. Mas, graças à intervenção de Marcelo Burgos e de Maria Celi Scalon, foi dada uma sobrevida à problemática. Com minha presença semanal na Defensoria Pública (de duas a três vezes por semana), fui observando a atuação dos defensores em seus núcleos de atendimento e seu peso na área social com o esvaziamento do nosso precário estado de bem-estar diante o avanço do neoliberalismo. Desse modo, acabei convencendo Werneck Vianna do valor desse objeto de pesquisa.

Entretanto, tínhamos divergências quanto ao referencial teórico. Eu vinha de uma forte influência da escola althusseriana, e tentei me apoiar na teoria do Estado relacional de Poulantzas (em particular, na sua última obra *O Estado, o poder, o socialismo*, publicada em 1978), enquanto ele me empurrava para a direção de Habermas, um autor cuja obra pouco me fascinava, apesar do meu reconhecimento de sua importância teórica. Chegava a ser curiosa essa resistência de Werneck Vianna a Poulantzas, haja vista que este último é citado na sua obra coletiva *Corpo e alma da magistratura brasileira*, de 1997. De qualquer forma, usei muitas das referências dele em minha tese (Mauro Cappelletti, por exemplo) e de sua obra recente (além do já citado, usei *A judicialização da política e das relações sociais no Brasil* e *A revolução passiva*, de 1999 e 1997, respectivamente), numa articulação sutil com as teses do último Poulantzas.

Importante citar que, nessa época do meu doutoramento, nossos contatos foram bem intensos no aspecto social. Almoçamos muitas vezes no restaurante Adriano, que era uma espécie de QG dos docentes e estudantes do Iuperj. Numa noite memorável, depois de uma aula ou num evento do Iuperj, saí para um bar na companhia de Werneck Vianna, Alexandre Veronese, Cássio Casagrande e João Marcelo Maia. Ficamos bebendo durante horas, contando anedotas e folclores do mundo acadêmico. Recordo-me de Werneck Vianna dizer que ficou impressionado com a rapidez da minha amizade com Veronese, já que parecia que nos conhecíamos há bastante tempo. Cássio, inclusive, fez uma intervenção ao afirmar que, no Paraná, estado de sua origem, as pessoas demoravam muito tempo para se afeiçoarem, mas estávamos no Rio de Janeiro, onde a afeição se constrói num ritmo mais acelerado.

Outro aspecto engraçado de nossa relação, era o meu uso de gravador para me lembrar das observações de Werneck Vianna, já que não conseguia acompanhar a fala dele a ponto de anotá-las. Ele não gostava nem um pouco disso, e, assim, tinha de esconder o gravador dele nos nossos encontros. Ele nos brindava com excelentes tiradas, pena que eu não tenha mais esse registro histórico.

Quando a bolsa já estava minguando e eu me encontrava numa delicada situação financeira no final de 2004, Werneck Vianna me indicou para participar numa pesquisa sobre saúde suplementar, dirigida por Maria Lúcia Werneck Vianna e Lígia Bahia. Foi uma experiência



excelente em termos profissionais para mim, e tive o prazer de ampliar meus laços de amizade com a família Werneck Vianna, pois, além de conhecer a sua ex-companheira, também pude conhecer e fazer amizade com a sua ex-nora Ludmila Antunes, que foi casada como seu filho João Werneck, e com este acabei por me aproximar em 2017, quando voltei a militar no PCdoB, depois de mais de três décadas.

No final de 2005, ocorreu a defesa da minha tese. Era um contexto complicado devido às divergências internas no Iuperj, que não vem ao caso relatar aqui, até porque eu estava afastado desse contexto em virtude do trabalho com a tese. No entanto, todo esse clima impactou no andamento do trabalho, e nem mesmo havíamos marcado uma data para fazer os ajustes finais da pesquisa, o que fez como que eu precisasse apelar para a intervenção de Maria Lúcia a fim de conseguir uma data com Werneck Vianna. Lembro-me de estar em Brasília (DF), ministrando um curso pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) para os delegados e peritos da Polícia Federal, quando recebi um telefonema no meu celular: Valéria, uma das melhores funcionárias do Iuperj, estava me procurando desde o dia anterior, pois Werneck Vianna queria falar comigo. Atendi ao telefonema dele e nunca me esqueci da sua frase: “quando vosso escravo pode te receber?”. Tive de conter o riso. Marcamos o nosso encontro na semana seguinte, e foi um dos nossos últimos antes da defesa da tese.

A defesa foi marcada, salvo engano, em outubro, em uma sexta-feira. A banca foi constituída por Marcelo Burgos (um nome comum em nossa escolha), Maria Alice Rezende de Carvalho, José Eisenberg (nomes indicados por Werneck Vianna) e Marco Aurélio Ruediger (que foi da minha escolha). Estavam presentes alguns colegas do Iuperj, minha saudosa mãe (Marília Barreiros da Motta) e meu amigo de longa data Luiz Carlos de Oliveira Silva. Defendi tranquilamente e terminei a noite num bar com meus convidados. Werneck Vianna, por questão de agenda, não pôde comparecer.

Nos meses que seguiram nos encontramos algumas vezes no Iuperj, em eventos que me interessavam. Em 2008, quando me inscrevi no concurso do IFCS para o cargo de professor adjunto no Departamento de Ciência Política, cheguei a falar com Werneck Vianna por telefone sobre algumas sugestões bibliográficas e conceituais, as quais ele me forneceu. Não tive êxito nesse concurso (somente entrei na UFRJ em 2009), mas passei em primeiro lugar no que foi realizado pela UFF de Volta Redonda, para a cadeira de Administração Pública no Departamento de Administração. Liguei para comunicar-lhe a aprovação e recebi seus parabéns pelo ingresso numa universidade federal.

Fiquei bastante preocupado quando ele foi acometido pelo câncer pouco tempo depois. Ludmila Antunes sempre me passava as informações de seu estado de saúde, e, felizmente, ele se recuperou.

Com o passar dos anos, encontrávamo-nos durante o evento da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). Nesse contexto, já estava ajustado

numa rede acadêmica de marxistas de corte althusseriano liderada por Armando Boito Junior; o orientado de Werneck Vianna finalmente encontrara seu espaço acadêmico.

A última vez que nos encontramos foi em 2019, durante o Congresso Brasileiro de Sociologia, em Florianópolis, onde Werneck Viana foi o principal conferencista. Nada mais do que justo diante de sua enorme contribuição no campo das Ciências Sociais. Encontrei-me com ele na rampa de acesso ao evento. Ele estava de muletas e era apoiado por sua companheira. Trocamos um abraço caloroso. Nosso último abraço.

Em fevereiro de 2024, sua energia vital se expirou, mas sua obra continua. Suas intervenções sobre Gramsci, o sindicalismo brasileiro e a judicialização da política, e suas análises de conjuntura acerca da esquerda e da direita brasileira ainda permanecem como fonte de inspiração e de reflexão. E isso lhe confere uma “imortalidade” por meio do seu legado intelectual. Legado esse que foi importante para minha geração, e o será para as seguintes. Morreu o homem Werneck Vianna, mas a obra dele irá mantê-lo vivo entre nós.